

XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e contextos

Avaliação da Exploração e da Indecisão de Jovens no contexto da Consulta Psicológica Vocacional: um estudo de eficácia da intervenção

Liliana Faria¹ e Maria do Céu Taveira²

Contactos: lfaria@iol.pt, ceuta@iep.uminho.pt

RESUMO

Apresentam-se e discutem-se os resultados da avaliação da exploração e da indecisão vocacional de jovens no contexto da consulta psicológica vocacional, bem como a avaliação do impacto da intervenção psicológica naquele tipo de resultados e processo de carreira. O estudo realizou-se com 321 alunos (66.97% do grupo experimental) de ambos os sexos (59.2% raparigas), com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos ($M=14.15$; $DP=0.49$), a frequentar o 9º ano de escolaridade em três estabelecimentos de educação privados (72.3%) e dois estabelecimentos públicos (22.7%), nos distritos de Braga e Porto e, atendidos na Consulta Psicológica Vocacional da Universidade do Minho, em 2005. Discutem-se o método e os resultados da avaliação do processo de exploração vocacional (Career Exploration Survey; Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983; adap. Taveira, 1997) e da indecisão vocacional (Career Decision Scale; Osipow, Carney, Winer, Yanico & Koshier, 1976; adap. Taveira, 1997), à luz da teoria e investigação da intervenção vocacional de jovens.

ENQUADRAMENTO

A exploração vocacional é um processo psicológico chave da aprendizagem e do desenvolvimento humano, e pode ser usada como uma medida de resultado, na avaliação da eficácia da intervenção vocacional, particularmente na consulta psicológica vocacional, contribuindo para compreender melhor se as formas adoptadas para ajudar os jovens e adultos a lidar ou a resolver problemas vocacionais, são adequadas e atingem resultados ou mudanças comportamentais esperadas (Taveira, 2004). Assim como a avaliação da exploração vocacional, também a avaliação da indecisão vocacional poderá servir para identificar a modalidade de intervenção mais eficaz (Silva, 2004), uma vez que ajuda a uma melhor compreensão do

¹ Bolseira Doutoramento em Psicologia Vocacional, Departamento Psicologia, Universidade do Minho

² Professora Auxiliar, Departamento Psicologia, Universidade do Minho

processo de decisão ou de escolha vocacional (e.g., Dosnon, 1996; Fitzgerald & Rounds, 1989; Phillips & Paziienza, 1988; Tokar, Withrow, Hall, & Moradi, 2003; Veerle & De Boeck, 2003).

Com efeito, a exploração vocacional assume uma importância singular no contexto do desenvolvimento global do indivíduo, permitindo identificar e avaliar o papel de factores pessoais e situacionais no planeamento e nas escolhas efectuadas ao longo de toda uma vida (Super & Crites, 1957; Super, 1976; Super & Bohn, 1980). Explorar-se face ao mundo, de um modo intencional, regular e sistemático, constitui um processo psicológico complexo, mas desejável, contribuindo para uma construção mais flexível da personalidade (cf. Taveira & Rodriguez Moreno, 2003) e para o aumento da adaptabilidade na carreira (Savickas, 2005). Estas capacidades, por sua vez, assumem, na actualidade, uma importância crescente, para um número significativo de sociedades humanas em face de múltiplas e profundas mudanças no mundo escolar, da formação profissional e do trabalho. A investigação neste domínio demonstra que, de uma forma geral, a exploração vocacional tende a relacionar-se com a satisfação profissional, a maturidade profissional, o desenvolvimento do auto-conceito, os sentimentos de auto-eficácia e o ajustamento a uma escolha vocacional (Taveira, 2000). Adoptando a concepção cognitivo-comportamental de Stumpf, Collarelli e Hartman (1983), vários investigadores vocacionais demonstraram, além disso, que o comportamento exploratório afecta as expectativas de auto-eficácia e de resultados no domínio da carreira, bem como o valor atribuído aos objectivos escolares e profissionais (cf. Taveira, 1997, 2001). Por seu turno, tais dimensões podem afectar, ao mesmo tempo, a quantidade e a forma como as pessoas se envolvem na actividade exploratória. Do mesmo modo, a satisfação com a informação resultante da exploração e a ansiedade ou *stress* antecipados face à ideia de explorar ou de se comprometer com opções vocacionais, podem ser, simultaneamente, condições e efeitos da exploração vocacional (Ibid.). Em sociedades ocidentais como a sociedade portuguesa, todos estes aspectos assumem uma importância especial na adolescência e no início da vida adulta, já pelo facto de estas serem fases dos primeiros exercícios de maior autonomia e responsabilidade pessoal na tomada de decisões vocacionais com impacto no estilo de vida pessoal.

A indecisão vocacional consiste, por sua vez, na incapacidade do indivíduo em seleccionar, ou comprometer-se com um objectivo educativo ou profissional específico (Silva, 2004). Pelo contrário, a decisão é o “acto de escolher e de começar a conduzir um plano de acção entre vários possíveis” (Saint-Sernin, 1972, p.341), que se realiza por um resultado, pela escolha de um evento numa determinada situação (Dosnon, 1996). As pessoas podem estar indecisas sobre o seu futuro vocacional por quatro razões principais: (i) imaginam-se em diversos papéis profissionais, igualmente desejáveis, resultado muitas vezes da multipotencialidade ou da própria actividade de exploração vocacional; (ii) não se imaginam em nenhuma profissão,

sentindo-se “sem escolha”, (iii) têm dificuldade em tomar decisões independentemente do domínio a que se referem, configurando o que tem sido designado por indecisão generalizada e, (iv) não estão prontas para tomar decisões de carreira (cf. Vondracek, Hostetler, Schulenberg, & Shimizu, 1990).

A consulta psicológica vocacional constitui uma das modalidades de intervenção psicológica mais eficazes na ajuda à exploração e à decisão de carreira de adolescentes (cf. Brown & Krane, 2000). O seu estudo tem recebido, mais recentemente, uma atenção particular dos teóricos e profissionais de psicologia vocacional portugueses (e.g., Abreu, Santos & Paixão, 1994; Campos et al. 1985; Taveira, 1986, 2001). Ainda que definida de vários modos, por diferentes autores, a consulta psicológica vocacional é descrita frequentemente como um processo relacional entre ou mais pessoas, destinando-se a ajudar jovens e adultos nas suas decisões vocacionais (e.g., Brown & Brooks, 1991; Herr & Cramer, 1992). Conforme Taveira (2002) evidencia, a consulta psicológica vocacional “ajuda à aquisição de conhecimentos, atitudes e competências que permitem às pessoas desenvolver os comportamentos necessários para lidar com transições ou para desenvolver uma identidade vocacional” (p.3). Quando esta modalidade de intervenção vocacional é praticada em grupo, favorece o desenvolvimento pessoal e social dos seus clientes e permite dar resposta a um número mais elevado de pessoas, assim como a uma série de necessidades de intervenção (Taveira, 2001). Por seu turno, a modalidade em grupo exige um dispêndio maior de tempo e energia da parte dos profissionais de orientação no processo de intervenção vocacional, requerendo uma preparação específica. Este investimento acrescido dos profissionais é recompensado, no entanto, pelos efeitos positivos que a modalidade em grupo provoca na resolução de dificuldades de decisão (cf. Brown & Krane, 2000).

No nosso país, embora se assista a um aumento significativo do recurso à consulta psicológica vocacional em grupo, da parte dos profissionais, é escassa ou praticamente inexistente, a investigação acerca da sua qualidade e eficácia (e.g., Abreu, Santos & Paixão, 1994; Silva, 2004). Neste âmbito, a investigação internacional sobre a eficácia da intervenção vocacional, baseada em estudos de meta-análise, permite-nos concluir que a intervenção vocacional traz benefícios aos seus clientes, sobretudo no que respeita à realização, ao compromisso e à satisfação com as escolhas vocacionais efectuadas (cf. Brown & Krane, 2000; Magno 2004; Silva 2004; Spokane, 1983; Swanson, 1995). Por sua vez, a análise comparada da eficácia de diversas modalidades de intervenção vocacional evidencia que as intervenções em que a figura do psicólogo de está ausente, são aquelas que conduzem a resultados mais moderados, em termos de mudança dos clientes, sendo que a consulta psicológica vocacional produz resultados mais significativos do que sessões de informação e os programas apoiados

pelo computador (Brown & Krane, 2000; Hughes & Karp, 2004; Oliver & Spokane, 1988; Spokane & Oliver, 1983; Whiston, Brecheisen, & Stephens, 2003; Whiston, Sexton, & Lasoff, 1998). Por sua vez, a relação custo/benefício é mais positiva nas intervenções que utilizam a modalidade da consulta psicológica, concluindo os autores das várias investigações que a modalidade de intervenção psicológica individual é a mais eficaz, quando comparada com as restantes (cf. Brown & Krane, 2000; Magno, 2004; Silva, 2004; Swanson, 1995). Este tipo de pesquisa traduz bem a importância do prosseguimento desta linha de investigação, para a promoção da qualidade dos serviços e processos de intervenção vocacional. Nesse sentido, apresenta-se um estudo destinado a avaliar os resultados, em termos de exploração e indecisão vocacional, no contexto da consulta psicológica vocacional em grupo, uma das modalidades de intervenção vocacional mais utilizadas no nosso País.

MÉTODO

Participantes

Os participantes no presente estudo integram um grupo de estudantes do 9º ano de escolaridade (N=321, 66.97% do grupo experimental), com média de idade de 14.15 (M=14.15; DP=0.49), de ambos os sexos (59.2% raparigas), a frequentar três estabelecimentos de educação privados (72.3%) e dois públicos (22.7%)³, e que solicitaram, no ano lectivo de 2005/2006, ao Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho, ajuda numa tomada de decisão vocacional eminente.

Medidas

As medidas de avaliação psicológica utilizadas no presente estudo incluíram, respectivamente:

(i) A versão adaptada para a população jovem portuguesa da *Career Exploration Survey* (CES, Stumpf, Colarelli & Hartman, 1983; adapt. Taveira, 1997), uma escala destinada à investigação, com 53 itens que permitem avaliar, de modo consistente, doze das dezasseis dimensões originais da escala, ou seja, quatro tipos de crenças, cinco tipos de comportamentos e três tipos de reacções afectivas relacionadas com a exploração vocacional, descritas sumariamente, em termos de conteúdo, no Quadro 1, mais adiante⁴. À excepção da

³

⁴ Na versão original, a CES é composta por 57 itens e permite avaliar seis tipos de crenças, sete dimensões de processo. Fazem parte da escala original, duas outras escalas de instrumentalidade (agrupadas no factor de Instrumentalidade Externa, na versão portuguesa) e que são, a *Instrumentalidade do Método* - a probabilidade de ser intencional e sistemático na exploração concorrer para o atingir de objectivos vocacionais; e a *Instrumentalidade da*

escalas de *Stress*, que utilizam uma escala de 7 pontos, e do item *Numero de domínios profissionais considerados*⁵, que utiliza um formato de resposta gráfico-numérico, os restantes itens assumem um formato de resposta numa escala tipo *likert*, com 5 pontos, que 1 significa “Pouco”, “Nada satisfeito/a” e “Pouco Seguro/a” e 5 significa “Muito Seguro/a” ou “Muito Satisfeito/a”. A cotação de cada sub-escala do CES obtém-se adicionando o valor de cada uma das respostas aos itens que a compõem, variando as pontuações mínimas e máximas de uma para outra sub-escala, conforme o numero de itens e a escala de resposta em causa. As qualidades metrológicas desta escala (validade de constructo, discriminante e fidelidade) foram evidenciadas em diversos estudos realizados com estudantes do ensino básico e secundário (Afonso & Taveira, 2001; Taveira, 1997) e do ensino superior (Soares, 1999);

(ii) Uma versão adaptada para jovens portugueses da *Career Decision Scale* (CDS, Osipow, Carney, Winer, Yanico & Koshier, 1976; adapt. Taveira, 1997), uma escala unidimensional consistente, com x itens de para a avaliação do grau de indecisão ou incerteza face à escolha vocacional, como sumariado no Quadro 1 (cf. Taveira, 1997; Silva, 1997).

Quadro 1. Definição das dimensões de exploração vocacional e de indecisão vocacional

CES		
Crenças de Exploração Vocacional	<i>Estatuto do emprego</i>	Até que ponto parecem ser favoráveis as possibilidades de emprego na área preferida.
	<i>Certeza nos resultados da exploração</i>	O grau de certeza de vir a atingir uma posição favorável no mercado de trabalho.
	<i>Instrumentalidade Externa</i>	A probabilidade de exploração do mundo profissional concorrer para atingir objectivos vocacionais.
	<i>Instrumentalidade Interna</i>	A probabilidade de exploração de si próprio/a concorrer para atingir objectivos vocacionais.
	<i>Importância de obter a posição preferida</i>	O grau de importância atribuído à realização da preferência vocacional.
Processo de Exploração Vocacional	<i>Exploração do meio</i>	O grau de exploração de profissões, empregos, as organizações realizada nos últimos 3 meses.
	<i>Exploração de si próprio</i>	O grau de exploração pessoal e de retrospecção realizada nos últimos 3 meses.
	<i>Exploração sistemática-intencional</i>	Em que medida a procura de informação sobre o meio e sobre si próprio/a se realizou de um modo intencional e sistemático.

Tomada de Decisão – a probabilidade de a exploração concorrer para uma decisão vocacional; e ainda, as subescalas de *Frequência* – o número de vezes por semana que a pessoa adquiriu informação sobre as profissões, empregos, organizações e sobre si próprio/a; e o *Foco* – até que ponto a pessoa está segura da sua preferência por uma profissão, emprego ou organização particular, tendo estas duas últimas dimensões sido consideradas inadequadas à realidade sócio-educativa portuguesa, à época da sua validação.

⁵ As respostas ao item referido não foram incluídas nas análises do presente estudo.

	<i>Quantidade de informação</i>	Quantidade de informação adquirida sobre as profissões, empregos, as organizações e sobre si próprio/a.
Reacções de Exploração Vocacional	<i>Satisfação com a informação</i>	A satisfação sentida com a informação obtida sobre as profissões, empregos e organizações mais relacionadas com os seus interesses, capacidades e necessidades.
	<i>Stress na exploração</i>	A quantidade de stress indesejado que cada um sente como função do processo de exploração, por comparação a outros acontecimentos de vida.
	<i>Stress na decisão</i>	A quantidade de stress indesejado que cada um sente como função do processo de tomada de decisão, por comparação a outros acontecimentos.
CDS		
Indecisão Vocacional		Ausência de investimento firme numa opção vocacional e o grau de incerteza e de insegurança quanto à escolha de opções vocacionais.

Procedimento

Foi usada a modalidade de consulta psicológica vocacional em grupo, breve e estruturada, a partir de abordagem desenvolvimentista relacional proposta por Taveira (2001, 2004). A intervenção global, titulada de “Futuro *Bué!*”, estruturou-se num total de dez momentos principais, incluindo: (i) uma sessão colectiva de divulgação e inscrição no programa; (ii) uma sessão de pré-teste; (iii) uma entrevista semi-estruturada inicial com a família ou equivalente; (iv) cinco sessões, de 90 minutos cada, com os alunos; (v) uma sessão final de esclarecimento e aconselhamento com os familiares ou equivalente; (vi) uma sessão de pós-teste. O modelo de aliança relacional levado a cabo nesta intervenção psicológica foi o desenvolvido por Taveira (2001), a partir dos modelos de Spokane (1991) e de Gibson e Mitchell (1998), e desenrola-se ao longo de quatro fases, a saber: o Iniciar, o Explorar, o Comprometer e o Finalizar, cada uma das quais envolve o prosseguimento de intenções e técnicas específicas, da parte da/o psicóloga/o, e reacções particulares da parte dos clientes (cf. Quadro 2). Durante estas diferentes fases do processo de relacional de ajuda, cliente e psicólogo colaboram para clarificar a estratégia do cliente, mobilizar expectativas e promover processos cognitivo-afectivo-comportamentais sustentados pelos clientes (Taveira, 2001).

Quadro 2: Futuro *Bué!*: fases do processo da intervenção (Taveira, 2001)

FASES E PROCESSO	INICIAR	EXPLORAR	COMPROMETER	FINALIZAR
Finalidades/Tarefas do Psicóloga/o	Estabelecer aliança relacional Avaliar expectativas e interesses pela intervenção	Compreender comportamentos e atitudes Atender às condições pessoas e de	Ajudar a reduzir a ansiedade resultado da exploração Ensinar ou reforçar o compromisso	Antecipar passos e apoios necessários ao sucesso na concretização da solução/plano/opção

	<ul style="list-style-type: none"> -Identificar necessidades e despistar psicopatologia -Focar nos modos como o cliente pensa e sente -Estabelecer um contrato de intervenção 	<ul style="list-style-type: none"> - contexto de decisão -Atender a resistências -Desenvolver objectivos e planos -Avaliar resultados da aliança relacional -Proporcionar ensaio de aspirações, e fantasia, teste de hipóteses -Identificar incongruências e zonas de conflito 	<ul style="list-style-type: none"> -afectivo, cognitivo e comportamental com opções exploradas -Envolver o cliente em testes da realidade -Avaliar resultados 	<ul style="list-style-type: none"> -desejada pelo cliente -Sensibilizar para necessidade de seguimento deste processo
Técnicas principais utilizadas pelo Psicólogo/a	<ul style="list-style-type: none"> -Oferta de estrutura -Aceitação do cliente 	<ul style="list-style-type: none"> -Oferta de informação -Reflexão e a clarificação -Imagética guiada -Uso de testes e questionários psicológicos -Apoio emocional -Reforço 	<ul style="list-style-type: none"> -Apoio à gestão da ansiedade 	<ul style="list-style-type: none"> -Concluir o processo de finalização da aliança relacional
Reacções esperadas no Cliente	<ul style="list-style-type: none"> -Alívio -Esperança 	<ul style="list-style-type: none"> -Excitação -Ansiedade -Comportamentos abertos e encobertos de exploração -Intuição face à sua carreira -Compromisso 	<ul style="list-style-type: none"> -Compromisso de carreira 	<ul style="list-style-type: none"> -Satisfação -Certeza -Sentimento de independência relacional face à psicólogo/a

As medidas de exploração e de indecisão vocacional foram aplicadas antes de se iniciar o processo de intervenção com as famílias e os estudantes e após a sua conclusão. Na investigação, os dados pessoais foram recolhidos através de uma ficha de pedido de consulta do Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho.

Hipóteses

Prevê-se uma diferença significativa entre o grupo experimental (intervenção vocacional) e o grupo de controlo (sem intervenção), no sentido de uma melhoria dos resultados nas medidas de crenças, comportamentos e reacções de exploração vocacional e na medida de (in)decisão, para o grupo submetido à intervenção vocacional, conforme as seguintes sub-hipóteses:

H1. (i) Prevê-se uma melhoria nas atitudes e comportamentos de exploração vocacional, tal como são avaliados pela escala CES, após a intervenção de consulta psicológica vocacional em grupo, nomeadamente, valores mais elevados, no que respeita as crenças de exploração - escalas do estatuto de emprego, certeza nos resultados da exploração, instrumentalidade externa, instrumentalidade interna e, importância de obter a posição preferida; valores mais elevados no

que respeita o processo da exploração - escalas de exploração orientada para o meio, de exploração orientada para si próprio/a, de exploração sistemática-intencional, quantidade de informação obtida; e, valores mais elevados na reacção de satisfação com a informação obtida e, valores moderados, nas reacções de *stress* face à exploração vocacional e de *stress* face ao compromisso ou decisão vocacional, após a intervenção;

H1. (ii) Prevêm-se níveis moderados de indecisão vocacional, tal como é avaliado pela escala CDS, após a intervenção de consulta psicológica vocacional em grupo;

Análises

O software utilizado para o tratamento estatístico dos dados foi o SPSS (*Statistical Program for Social Sciences*) para Windows, versão 14.0. Foram utilizadas análises de estatística descritiva para a caracterização sócio-demográfica dos participantes e dos resultados globais às escalas de exploração e indecisão vocacional. O teste de hipóteses baseou-se em análises de estatística não paramétrica –Anova e Teste t⁶.

RESULTADOS

Os quadros 3 e 4 apresentam os valores de média e desvio-padrão das escalas de exploração e de indecisão vocacional e os resultados dos testes de comparação dos valores das escalas de exploração vocacional para os grupos experimental e de controlo, em momentos de pré e pós teste (Anova), e dos valores da escala de indecisão vocacional, nos momentos pré e pós-intervenção (t-test).

Como se pode concluir pela leitura do quadro 3, no que respeita as medidas de exploração vocacional, no grupo experimental, antes da frequência do programa “Futuro Bué!”, registam-se valores de média acima do ponto médio da escala, nas percepções de possibilidade de trabalho e emprego na área vocacional preferida, no valor instrumental atribuído às actividades de exploração orientada para o meio e para o self, e na importância atribuída aos objectivos vocacionais, condições todas elas favoráveis ao envolvimento na exploração vocacional. No domínio das crenças associadas à exploração, há a registar, no entanto, valores abaixo do ponto médio da escala, nas expectativas de resultado no domínio da carreira. Este resultado é menos favorável ao envolvimento na exploração vocacional. Além disso, quando as expectativas de resultado baixas estão associadas a níveis elevados de importância atribuída aos objectivos vocacionais, como é o caso, podem originar níveis elevados e não desejáveis de ansiedade face à exploração e face à decisão (cf. Taveira, 1997). Com efeito, nesta amostra, verifica-se um

⁶ Decisão tomada face a uma distribuição de resultados que não cumpre a configuração de uma curva normal, violando assim os critérios de decisão acerca do uso de testes estatísticos paramétricos.

envolvimento elevado na exploração orientada para o *self* mas um menor envolvimento na exploração orientada para o meio (valores abaixo do ponto médio da escala), níveis baixos de informação vocacional e, valores baixos na intencionalidade e carácter sistemático da actividade exploratória. Ao mesmo tempo, este grupo de alunos apresenta-se relativamente satisfeito com a informação vocacional obtida até ao momento e, tal como poderia ser esperado, níveis elevados de ansiedade face à exploração e face ao compromisso vocacional. No que respeita a indecisão, trata-se de um grupo pouco indeciso em termos vocacionais.

A leitura do quadro 3 permite-nos verificar também que no que respeita o grupo de controle, no primeiro momento da avaliação, em termos de exploração vocacional, se trata de um grupo com valores de média acima do ponto médio da escala, também, nas percepções acerca do estatuto de emprego, mas, ao contrário do grupo anterior, com elevadas expectativas de resultado vocacionais. Trata-se de estudantes que atribuem igualmente valor instrumental às actividades de exploração orientada para o meio e para o *self*, e uma elevada importância aos objectivos vocacionais. Verifica-se, contudo, um envolvimento muito baixo e mais fraco que o do grupo anterior na exploração orientada para o *self* e para o meio, mas níveis mais elevados de percepção de intencionalidade e carácter sistemático da actividade exploratória, de quantidade de informação obtida e de satisfação com a mesma. Tal como acontece para o grupo experimental, o grupo de controlo regista níveis de indecisão vocacional baixos e inferiores aos do grupo experimental.

Os resultados da ANOVA, evidenciam a existência de diferenças nos resultados com o tempo. Assim, no grupo experimental, entre o pré-teste e o pós-teste houve uma variação, no sentido do aumento, em todas, menos numa das dimensões de exploração vocacional avaliadas, sendo significativas do ponto de vista estatístico, as variações registadas nas sub-escalas de Exploração orientada para o Meio, Quantidade de Informação Obtida e Satisfação com a Informação obtida. Na sub-escala *Stress* com a Decisão, a variação de resultados, significativa do ponto de vista estatístico, foi no sentido desejado, da diminuição (cf. quadro3).

Quadro 3. Exploração vocacional nos grupos experimental e de controlo em momentos de pré- e pós- teste

Escala (Ponto médio)	Grupo Experimental (N=169)						Grupo de Controlo (N=152)					
	Pré-Teste		Pós-Teste		Chi-Square	Sig.	Pré-Teste		Pós-Teste		Chi-Square	Sig.
	M	Dp	M	Dp			M	Dp	M	Dp		
Estatuto do Emprego (9)	9,47	2,30	10,49	2,02	1.005	0.316	9,18	2,39	10,06	2,27	1.979	0.159
Certeza nos Resultados da Exploração (9)	8,24	2,96	9,17	2,70	0.554	0.457	14,77	4,43	9,38	2,78	1.002	0.317
Instrumentalidade Externa (12)	14,53	3,10	14,84	2,89	0.285	0.593	14,75	7,35	14,41	2,71	3.863	0.049
Instrumentalidade Interna (33)	34,46	5,98	35,40	5,87	0.917	0.338	33,72	3,64	33,87	6,12	5.595	0.018
Importância de obter a Posição Preferida (9)	10,74	2,49	11,12	2,38	0.624	0.430	15,75	3,99	10,93	2,48	0.323	0.570
Exploração orientada para o Meio (15)	10,08	3,45	13,05	3,66	7.763	0.005	4,28	1,66	12,39	3,53	3.405	0.065
Exploração orientada para o Self (12)	15,48	4,06	17,06	3,93	0.996	0.318	8,86	2,30	16,27	4,00	3.284	0.070
Exploração Intencional-Sistemática (6)	4,01	1,611	4,98	1,76	2.077	0.150	9,79	2,14	5,01	1,77	0.003	0.953
Quantidade de Informação Obtida (9)	7,80	2,34	10,10	2,40	15.557	0.000	8,47	2,86	9,65	2,32	5.361	0.021
Satisfação com a Informação Obtida (9)	8,34	2,34	10,13	2,20	7.307	0.007	14,75	2,84	9,88	2,27	1.297	0.255
Stress na Exploração (12)	15,30	4,66	15,97	4,72	1.320	0.251	33,73	6,84	15,39	4,38	1.466	0.220
Stress na T. Decisão (15)	24,03	7,18	22,44	7,23	8.387	0.004	10,95	2,58	21,50	7,39	0.830	0.362

Legenda: M – Média; Dp1 – Desvio padrão

No segundo momento de avaliação, é de registar igualmente uma diminuição na variação inter-individual (desvios-padrão) dos resultados, em setes das escalas da exploração vocacional, a saber: estatuto do emprego, certeza nos resultados da exploração, instrumentalidade externa, instrumentalidade interna, importância de obter a posição preferida, exploração orientada para o *self*, satisfação com a informação obtida. Essas diferenças revelaram-se estatisticamente significativas ($p < 0.05$), para as escalas exploração orientada para o meio, quantidade de informação obtida, satisfação com a informação obtida e *stress* na tomada de decisão. Neste sentido, podemos afirmar que os resultados confirmam parcialmente a hipótese prévia acerca do impacto da intervenção na exploração vocacional. Este constitui um padrão de resultados muito positivo, reflectindo, contudo, uma abordagem, porventura, circunscrita e menos alargada do que seria desejável do âmbito exploração vocacional, pelos profissionais de orientação responsáveis pelos programas baseados na metodologia do programa Futuro bué!.

No grupo de controlo, do momento um para o momento dois, verifica-se um aumento nos valores de média das seguintes sub-escalas de exploração: instrumentalidade interna, exploração orientada para o meio, exploração orientada para o *self*, quantidade de informação obtida e *stress* na decisão. Nas restantes sub-escalas, verifica-se uma diminuição dos valores de média. No caso da variação (diminuição) na sub-escala instrumentalidade externa da exploração vocacional e da variação (aumento) na sub-escala de quantidade de informação obtida, as diferenças entre o momento um e dois são estatisticamente significativas (cf. quadro 4). Este padrão de resultados é negativo e evidencia diversas necessidades de intervenção vocacional, algumas das quais poderiam ser colmatadas com a frequência de programa baseado na metodologia do Futuro bué! Em futuros estudos, seria importante estimar em que medida as variações observadas nos dois grupos se podem atribuir, de modo mais efectivo, à ausência ou presença, da intervenção vocacional.

No quadro 4, apresentam-se os resultados do teste T para a escala de indecisão vocacional, no grupo experimental e no grupo de controlo.

Quadro 4. Indecisão Vocacional, nos momentos pré e pós-intervenção

Indecisão Vocacional (Ponto médio escala = 42)	GE (n=169)				GC (n=152)			
	Média	DP	t	Sig.	Média	DP	t	Sig.
Pré-teste	34,1657	5,58557	6.362	0.000	32,5921	6,70115	0,955	0,341
Pós-teste	31,1302	6,33261			32,1447	7,06208		

Os resultados confirmam a hipótese 2 no que se refere à indecisão vocacional, tendo-se verificado ganhos significativos com a intervenção vocacional nesta variável, no grupo experimental (cf. quadro 3).

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O presente estudo destinado a avaliar a indecisão e a exploração vocacional e o impacto da intervenção psicológica vocacional permite concluir que a intervenção psicológica vocacional promove a exploração vocacional e diminui os níveis de indecisão dos alunos que estão na eminência de tomar uma decisão. Neste sentido, esta é uma intervenção útil, que produz efeitos positivos para os clientes. Estes resultados vão de encontro ao que seria esperado de acordo com a teoria e investigação empírica da indecisão e exploração vocacional (cf. Taveira, 2000), assim como aos resultados da investigação sobre a eficácia da intervenção vocacional (cf. Oliver & Spokane, 1988;

Spokane & Oliver, 1983; Brown & Krane, 2000) nomeadamente, no que respeita a modalidade da consulta psicológica vocacional.

Os resultados obtidos na análise de variância realizada permitiu compreender a evolução das dimensões de exploração vocacional -crenças, processo e reacções de exploração, quando os alunos são sujeitos a um processo de intervenção vocacional. Verificou-se um progresso no sentido benéfico em quatro dimensões de exploração vocacional, nomeadamente, na exploração orientada para o meio, na quantidade de informação obtida, na satisfação com a informação obtida e no stress na tomada de decisão. O mesmo se verifica para o nível de indecisão vocacional. Estes resultados são importantes, já que todas estas dimensões se relacionam com o avanço na tomada de decisão e com o envolvimento futuro na exploração vocacional (Taveira, 1997). Contudo, tendo em conta o processo de intervenção delineado para o Futuro bué! Seria de esperar também, variações mais significativas do ponto de vista estatístico nas restantes dimensões da exploração vocacional. Os resultados remetem-nos, assim, igualmente, para a necessidade de reanálise e avaliação discutida com outros especialistas, dos objectivos e técnicas de intervenção utilizadas no referido programa. A avaliação do processo de intervenção ao longo das diversas sessões de consulta psicológica seria um outro contributo importante, para melhor compreender a importância a atribuir aos resultados deste estudo. Em conjunto, tais procedimentos poderão, além disso, dar pistas orientadoras para a formação profissionalizante dos psicólogos envolvidos nesta linha de investigação-acção sobre a metodologia do Futuro Bué!

Neste estudo foram identificadas ainda algumas limitações, que devem ser consideradas nas interpretações dos resultados. Em primeiro lugar, referimo-nos a questões relacionadas com o tamanho da amostra bem como com a sua selecção. Tratando-se de uma amostra de conveniência, podem existir factores de auto-selecção que interfiram na decisão dos sujeitos participarem ou não no estudo. Em futuros programas, é desejável proceder a uma distribuição aleatória dos participantes pelas duas condições. Outra limitação está relacionada com a bateria de instrumentos utilizada. Apesar dos instrumentos estarem adaptados à população portuguesa (Taveira, 1997), pelo facto de serem medidas de auto-relato, estão sujeitos a erros de interpretação e a factores de desejabilidade social. Por seu lado, o facto da recolha de

dados do estudo se ter confinado à zona norte do País, constitui uma limitação acrescida, neste caso, à generalização dos resultados ao resto da população.

Apesar das limitações descritas, e tendo em conta a escassez de investigações, no nosso país, sobre a eficácia da intervenção psicológica vocacional, este estudo reveste-se de carácter pioneiro, pelo facto de ter avaliado os resultados da intervenção psicológica vocacional. Os estudos realizados com populações do 9º ano, justificam um optimismo acerca do futuro dos esforços da intervenção vocacional. As evidências da sua eficácia são encorajadoras, e estão na base do estudo aqui apresentado, o qual deve, no entanto, ser alvo de desenvolvimento. Seria importante testar, também, outras formas de intervenção vocacional bem como a eficácia de programas com diferentes durações temporais (ex: programas breves e mais longos). Em Portugal, muitos esforços podem e devem ainda ser desenvolvidos ao nível da intervenção psicológica vocacional, nomeadamente na combinação de questões de investigação pertinentes e relevantes para a população, profissionais da área vocacional e diferentes instituições académicas ou laborais. A utilização de equipas multidisciplinares neste domínio, no futuro, pode potenciar igualmente, estudos de eficácia mais alargados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M.V., Santos E.R., & Paixão, M.P. (Eds) (1994). *Counseling theory, research, and practice*. Coimbra, Portugal: Luso American Foundation for Development and Cooperation
- Afonso, M. & Taveira, M.C. (2001). *Exploração vocacional de jovens. Condições do contexto relacionadas com o estatuto socioeconómico e com o género*. Relatórios de Investigação. Braga: CEEP.
- Brown, D., & Brooks, L. (1991). *Career counselling techniques*. Boston: Allyn e Bacon.
- Brown, S.D. & Krane, N.E. (2000). Four (or five) Sessions and a cloud of dust: old assumptions and new observations about career counseling. In S. Brown & R. Lent (2000). *Handbook of Counseling Psychology*. Third Edition, 740-749.
- Campos, B., Imaginário, L., Castro, J., Gramaxo, L., Magalhães, A., Morais, F., Neves, M. J., Sanches, J., Serra, M., Silva, J. Sousa., A., Vilaça, I., Almeida, L., Gonçalves, A., Lemos, M., Marina. M., Soares, I. (1985). Consulta psicológica na orientação escolar e profissional em escolas secundárias da região norte. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 1, 139-150.
- Dosnon, O. (1996). L'indécision face aux choix scolaire au professionnel: Concepts et mesures. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 25, 129-168.

- Faria, L. & Taveira, M.C. (2006). Ativação do desenvolvimento vocacional: Avaliação de uma intervenção psicológica. In J.Tavares, A. Pereira, C. Fernandes, & S. Monteiro (org.), *Actas do Simpósio Internacional: Ativação do Desenvolvimento Psicológico* (pp. 179-188). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Fitzgerald, L.F. & Rounds, J.B. (1989). Vocational behavior, 1988: A critical analysis. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 105-163.
- Harding, J. (1996). Science in a masculine strait-jacket. In L.H. Parker, L. J. Rennie & B. J. Frase (Eds.), *Gender, science and mathematics: shortening the shadow* (pp. 3-16). London: Kluwer Academic Publishers.
- Hare-Mustin, R.T. & Marecek, J. (1990). On making a difference. In Hare-Mustin, Rachel e Marecek, Jean (Eds.), *Making a Difference: Psychology and Construction of Gender* (pp. 1-21). London: Routledge.
- Herr, E.L. & Cramer, S.H. (1992). *Career guidance and counseling through the life span. Systematic approaches*. NY: Harper Collins Publishers.
- Hill, C.E., Spiegel, S.B. & Tichenor, V. (1988). Development of a system for assessing client reactions to therapist intervention. *Journal of Counseling Psychology*, 34, 27-36.
- Hughes, K.L. & Karp, M.M. (2004). *School-Based Career Development: A Synthesis of the Literature*. Columbia: Institute on Education and the Economy Teachers College.
- Kahle, J. B. (1996). Equitable science education: a discrepancy model. In L. H. Parker, L.J. Rennie & B.J. Fraser (Eds.), *Gender, science and mathematics: shortening the shadow* (pp. 3-16). London: Kluwer Academic Publishers.
- Magno, I. (2004). Factores de Eficácia e Formação dos Profissionais de Orientação. In M.C Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 371-380). Coimbra: Editorial Almedina.
- McLaren, A. & Gaskell, J. (1995). Now you see it, now you don't: gender as an issue in school science. In J. Gaskell & J. Willinsky (Eds.), *Gender in/forms curriculum: form enrichment to transformation* (pp. 136-156). Columbia: Teachers College Press.

- Oliver, L.W. & Spokane, A.R. (1988). Career-Intervention Outcome What Contributes to Client Gain? *Journal of Counseling Psychology*, 35 (4), 447-462
- Osipow, S. H., Carney, C. G., Winer, J. L., Yanico, B. & Koshier, M. (1976). *The Career Decision Scale* (3rd revision). Columbus, OH: Marathon Consulting & Press and Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Phillips, S.D. & Paziienza, N.J. (1988). History and theory of the assessment of career development and decision making. In W.B. Walsh & S.H. Osipow (Eds.), *Career decision making* (pp. 1-31). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Saavedra, L., Taveira, M.C. & Rosário, P. (2004). Classe social no feminino: percursos e (co)incidências. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Saavedra, L., Almeida, L., Gonçalves, A. & Soares, A.P. (2004). Pontos de partida, pontos de chegada: impacto de variáveis sócio-culturais no ingresso ao ensino superior. *Sociedade e Cultura*, 6, Cadernos do Nordeste, Série Sociologia, 22 (1-2), 63-84.
- Savickas, M.L. (2005). The theory and practice of career construction. In S.D. Brown & R.w. Lent (ed.) *Career development and counseling. Putting theory and research to work* (pp. 42-70). NJ: John Wiley & Sons.
- Silva, J.T. (2004). A eficácia da intervenção vocacional em análise: implicações para a prática psicológica. In M.C Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 95-125). Coimbra, Editorial Almedina.
- Soares, A. P. (1999). *Exploração, Indecisão e Ajustamento Vocacional em estudantes universitários*. Tese de Mestrado não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- Spokane, A. & Oliver, L. (1983). Outcomes of vocational intervention. In S.E. Osipow & W.B. Walsh (Eds.), *Handbook of Vocational Psychology* (pp. 99-136). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Stumpf, S.A.; Colarelli, M.S. & Hartman, K. (1983). Development of the Career Exploration Survey (CES). *Journal of Vocational Behavior*, 22, 191-226.
- Super, D.E. & Bothn, M.J. (1980). *Psicologia ocupacional*. S. Paulo: Atlas.
- Super, D.E. & Crites, O.J. (1957). *Vocational development*. New York: Columbia University.
- Super, D.E. (1976). Vocational Guidance: Emergent Decision – Making in a changing's society. *Revista Portuguesa de Psicologia*. I P. 122-158
- Swanson, J. (1995). The Process and Outcomes oh Career Counseling. In S.H. Osipow & W.B. Walsh (Eds.). *Handbook of Vocational Psychology, Theory Research, and practice*. (2rd. Ed.). (pp. 217-260). Mahwah, NJ: LEA.

- Taveira, M. C. (1986). Consulta psicológica vocacional em grupo e orientação vocacional de jovens do 9º ano. *Jornal de psicologia*, 5 (2), 17-20.
- Taveira, M.C. & Moreno, M.L.R. (2003). Guidance theory and practice: the status of career exploration. *British Journal of Guidance and Counseling*, 21, 2, 189-207.
- Taveira, M.C. (2001). Exploração vocacional: teoria, investigação e prática. *Psychologica*, 26, 5-27.
- Taveira, M.C. (2004a). Comportamento e desenvolvimento vocacional da adolescência. In M.C.Taveira (Coord.) *Temas de Psicologia Escolar. Uma proposta científico-pedagógica* (pp.143-178). Coimbra: Quarteto.
- Taveira, M.C. (2004b). A avaliação da exploração vocacional. In L.M.Leitão (Org.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 317-346). Coimbra: Quarteto Editora.
- Tokar, D.M., Withrow, J.R., Hall, R.J. & Moradi, B. (2003). Psychological separation, attachment security, vocational self-concept crystallization, and career indecision: A structural equation analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 50, 3-19.
- Veerle, G. & De Boeck, P. (2003). Career indecision: Three factors from decision theory. *Journal of Vocational Behavior*, 62, 11-25.
- Vondracek, F.W., Hostetler, M., Schulenberg, J.E., & Shimizu, K. (1990). Dimensions of career indecision. *Journal of Counseling Psychology*, 37, 98-106.
- Whiston, S., Brecheisen, B. & Stephens, J. (2003). Does treatment modality affect career counseling effectiveness? *Journal of Vocational Behavior*, 62, 389.
- Whiston, S., Sexton, T. & Lasoff, D. (1998). Career-intervention outcome: a replication and extension of Oliver and Spokane (1988). *Journal of Counseling Psychology*, 45(2), 150-165.